

A BATALHA

Inexplicável dedicação!

O Correio da Manhã continua desempenhando, com grande persistência e não menor entusiasmo, o papel de defensor à "outrance" da situação; papel que ninguém lhe distribuiu, fora das Juventudes Monárquicas Conservadoras e do Conselho Superior da Causa Monárquica.

O Correio da Manhã — é bom acentuá-lo — não deve favores alguns à situação, sendo até de notar que esta já o molestou, sem contemplações e sem branduras.

O incidente da famosa circular aos monárquicos pedindo dinheiro, acenando-lhes com a sonhada promessa dum proclamaçãozinha do seu regime predilecto para breve, passou-se apenas há alguns meses e ainda não se varreu da memória de muita gente. A prisão e a incomunicabilidade do seu director, dr. Fernando Pizarro, pessoa de indiscutível popularidade em Santa Catarina, e a sua expulsão para o estrangeiro feita rapidamente, numa carregagem de 3.ª classe, é um episódio recente. A suspensão do Correio da Manhã é outro episódio recente — e ambos são a consequência da aludida circular.

E, afinal de contas, aquele jornal está satisfezíssimo com a situação, o seu director está também radiante, o que nos leva a crer que o seu amor pela situação está acima de toda a espécie de considerações de ordem moral.

Não foi também a actual situação que encerrou as Juventudes Monárquicas Conservadoras, o único centro monárquico de Lisboa, e durante algum tempo manteve o seu encerramento?

Se os democráticos — os democráticos que tão afincadamente combatem pelos seus erros, pela sua intolerância e pelos seus flagrantes atentados contra todas as liberdades — lhe tivessem encerrado o jornal, exilado o director e encerrado o centro, que diria o Correio da Manhã quando reparecesse? Clamava que era uma violência injustificável e gritava que a pátria estava à beira da ruína e a república se convertera a num fétida cloaca.

Como se compreende que se resigne às violências, e desde que reapareceu, continuasse imperturbavelmente queimando, pela situação, oiro, incenso e mirra?

O Correio da Manhã continua suportando que se publica na Beira. Só assim se compreende que deixe cair da pena esta estupenda declaração: "não estamos especulando politicamente...". Essa agora! Então o órgão da causa monárquica não defende... a causa? Não trabalha para o restabelecimento da monarquia? Se calhar, aderiu à república... E tanto mais que se desvanece a afirmar que "ajudaram a criar a situação".

A sua ação está expressa neste modo "encantador":

"Trabalhamos por melhores dias para Portugal e ainda queremos crer que para tal se conseguirá é necessária a manutenção no poder dum governo militar que se propõe levar a cabo o cumprimento do programa do 28 de Maio".

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6\$00—Avulso 2\$00

Pedidos à administração de "A Batalha".

61 professores universitários americanos

solicitam ao governador de Massachusetts o indulto de Sacco e Vanzetti

PARIS, 14.—Outra informação de Boston diz que sessenta e um professores de direito, os quais fazem parte de doze universidades americanas, assinaram uma petição de revisão do processo de Sacco e Vanzetti. A petição foi enviada ao governador de Massachusetts, sr. Fuller. Os professores signatários da petição são os mesmos que na Universidade de Colômbia tomaram a iniciativa de pedir a anulação das dividas de guerra. — (E.)

O capitalismo em Genebra

GENEBA, 14.—O delegado russo, fando na sub-comissão de indústria da conferência económica internacional, disse que o "cartel" dos industriais é incapaz de resolver os problemas que afetam a sua especialidade, sendo, portanto, incapaz também de concorrer para a paz económica. — (L.)

O RANCOR NEGRO!

A "Semana da Criança" afastada acintosamente pelas "Novidades"

Decididamente, o sr. Tomás Gamboa não tem emenda. Em vez de recolher a penas, para o que não devem escusar, os indispensáveis virtudes domésticas, ou de ir para o seu país — o seu português tem a vantagem de ser de rápida tradução para bando — continua avorado nas Novidades em cabeça de turco das intrigas do Patriarcado e do sr. Lino Neto.

Ontem, por exemplo, reincidência desoladora e fatal, "gamboeirava" ao compido sobre a Semana da Criança, denunciando falsamente como uma tentativa de propaganda extremista sobre a infância. Esqueceu-se, ou, antes, a sua incompetência para o que se baseia em factos, se pretende conquistar favor de cidade e constituir, a sua volta, uma atmosfera de credulidade. E quando, como neste caso, os factos não servem a sua afirmação, inventam-se acordos com a repelente moral daquele preceito dos jesuítas: "os fins justificam os meios".

Tomás Gamboa nem sequer inventou um facto, julgando que só meia dúzia de logarinhos comuns sobre o paganismo que ele não sabe em que consiste e sobre a ideologia laica — ideologia? — que ele detesta porque também a detestava o prior da sua terra de Beira e porque ela desagrada aos arcanjos serafins, querubins e meninos do céu e da sua expressão secular — o sr. Lino Neto que, segundo nos asseveram, pensava em apresentar ao parlamento um projeto destinado a extraír dos humanos a descrença, com amnestia local e sem dossiers.

Brindando, como arma de combate, umas zagaças que tem lá na redacção, protesta contra os direitos da criança, dizendo que elas tendem a diminuir a autoridade paternal e a "sociedade doméstica" — assim ele chama a família. E vem meter-se nas nossas mãos, de bem triste e desgraçada maneira, afirmando que a família é, dentro da justiça natural, anterior à sociedade civil e com direitos independentes desta.

Nós temos espaço para referir, mesmo em síntese, o que foi a família no tempo a que a ele reporta a tal justiça natural, anterior à sociedade civil. Mas, não deixaremos de apontar alguns factos tendentes a demonstrar a camisa de onze varas em que o infeliz se meteu.

Nós, bem sabemos o que o sr. Tomás Gamboa queria dizer — e não pode. Como não podemos abusar da fraqueza dos adversários, damos-lhe caridosamente, gratuitamente, este explêndido conselho:

Ponha o chapéu na cabeça, empunhe a bengala, abandone a redacção, vá para casa e não regresse mais.

NO REGIME CAPITALISTA

As subtilezas do engenhoso industrial Ford

NOVA YORK, Abril.—Com a semana de cinco dias, Ford nada concedeu aos "seus" 200.000 operários. Então, pregunta-se: ha, o que motivou a atitude de Harry Ford? Recordemos que os operários da especialidade de abafos, indústria do vestuário, com a sua vitória conseguiram um salário que, semanalmente, ascendia ao nível mais alto do que se trabalhasssem seis dias.

Harry Ford exige, porém, que a produção de uma semana de cinco dias seja igual a uma produção que se pudesse realizar em seis dias.

Só assim os salários ficariam na escala antiga. Depois, o industrial de automóveis intensificaria a produção, com a semana de cinco dias, de modo a prover a toda a expansão dos mercados. E se a capacidade aquisitiva do mercado se não modificasse, Ford poderá reduzir o seu pessoal.

O famoso industrial, aproveitando o baixo preço da produção, reduziu "espontaneamente" a jornada de trabalho em uma proporção maior que a exigida pelos organismos mais fortes da Federação Americana do Trabalho. O melhor pretexto para a agitação sindical dos trabalhadores ficou assim inutilizado, não se podendo fazer a organização de classe dos operários das fábricas de automóveis.

Emfim, Ford espera, certamente, por este meio, impedir de futuro a agitação operária nas suas fábricas. Ford parece tão impulsionável ante a ameaça de invasão do sindicalismo e a sua agitação nas suas fábricas poderia ser um novo perigo. O perigo pode nascer da produção em série medianamente perfeita, baseados em um sistema de produção, com a sua produção de cinco dias.

De facto, existem na América condições materiais propícias para a redução da jornada de trabalho. Os dirigentes sindicais são indignos das suas funções e, no entanto, continuam fazendo-se a redução da jornada. Torna-se infinitamente sistemática a gradual introdução da "semana de cinco dias". A princípio foi necessária a luta contra os patrões, luta travada contra a vontade dos dirigentes reformistas; mas, depressa, a luta foi estabelecida na casa Ford. E é desde então que a F. A. T. faz sua a reivindicação já vitoriosa.

E com notar que na casa Ford a "semana de cinco dias" constitui um meio de combater a influência da organização sindical. O patronato procura furtar-se à vigilância dos sindicatos com a "concessão" da semana de cinco dias.

Publicações recebidas

Regras nature-vegetarianas, por Lhau Mace Araújo

Como propaganda do naturismo, este folheto tem noções práticas deveras interessantes e dignas de serem lidas com atenção pelo autor soube compilar os vários conhecimentos científicos dispersos sobre o sistema da alimentação naturalista, higiene do vestuário, etc.

Recebemos o Boletim da Agência Geral das Colônias, n.º 23.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

PERSPECTIVAS

A vida e o pensamento de um condenado

O sr. Tomás Gamboa não sabe que nesses tempos os filhos herdavam tudo o que os pais possuam, tudo incluindo as mulheres? Isto é de pôr as mãos na cabeça! Então aquele católico de cabecinho de jornal não vê que até se davam casos de incesto, não medita que a apologia da tal justiça natural implicava na defesa do amor sexual entre os filhos e as suas próprias mães?

Leia a Bíblia e verá que, nesse tempo da justiça natural, os pais conseguiam, sem arraço nem remorso, ter nefos directamente das suas próprias filhas. Será preciso que nós — os impiedosos, os ateus, os piedreiros livres, os que fizeram pacto com o diabo — lhes mostremos certas passagens das Sagradas Escrituras?

Nossa Senhora lhe perdeu — que para tanto nos escusava, a nós, o ânimo e a benevolência! Benza-se, persigne-se, purifique-se, tome mesmo um banho para que lhe fique na consciência o remor de ter feito, involuntariamente, a apologia dum tão repugnante sujidade. Vá mesmo a Roma, em 1.ª classe do "rápido", pedir indulgências ao Santo Padre. O caso não é para menos.

A Semana da Criança, que ainda não compreendeu, é uma ideia humana, fora de todas as paixões políticas que dividem os homens e tão alheia aos extremismos, que vagamente flagela, que até tem o apoio do ministério da instrução! O seu objectivo é criar, dentro do país, o culto da criança, vítima do desdém da sociedade e até da boçalidade e da ignorância dos próprios pais, muitos dos quais, triste é dizê-lo, são pésimos educadores.

O pai não deve ter a propriedade absoluta do filho. Acima do direito da paternidade não estará o direito que a criança tem à vida? E se houvesse a tal propriedade absoluta, do pai sobre o filho, ninguém interviria quando ele o martirizasse, espancasse e assassinasse. A própria Igreja, a confissão, restringe essa propriedade...

Nós, bem sabemos o que o sr. Tomás Gamboa queria dizer — e não pode. Como não podemos abusar da fraqueza dos adversários, damos-lhe caridosamente, gratuitamente, este explêndido conselho:

Ponha o chapéu na cabeça, empunhe a bengala, abandone a redacção, vá para casa e não regresse mais.

As vozes do desconhecido que o faz olhar por sobre os ombros, ao mesmo tempo que falam com os visitantes.

Vanzetti estava sentado num banco, o corpo abandonado, e cheio de calma. Quem o não tivesse conhecido, achá-hilo-a mudado. O seu olhar é sereno debaixo de amplas pestanas. Quando sorri, os seus lábios não tremem sob o espesso bigode. Tem a tranquilidade de um homem que se encosta a um muro: também olha, de vez em quando, por cima do ombro, de vez em quando, por cima do ombro, como a verificar se alguém trepa atrás de si.

Então? Como vai isso? — é a pergunta que mutuamente fazemos.

A questão é bastante longinqua, como um desafio observado por radiotelegrafia.

— Isto vai muito mal — disse, depois, Vanzetti. Tenho de trabalhar muito, aturadamente, mesmo. Há muitas coisas que quero escrever e talvez não chegue o tempo.

Estipularam-lhe três horas por dia para a leitura de jornais e escrever cartas e artigos. O restante tempo passa na oficina, onde trabalha no fabrico de chapas de automóveis.

— É tão difícil escrever no cárcere. Atinge-se, podia trabalhar muito, a cada hora, diariamente, que teria ainda disposição para escrever. Tudo me saiu espontaneamente. Rarissimas vezes precisava de corrigir qualquer artigo que tivesse escrito. Agora, tenho de meditar cada palavra.

Se a arte foi, todo espiritualidade, todo amor, todo o delito como aqui. A elas se aplicaram os sábios, os letrados e, em geral, todos os intelectuais. E' assim que entre os pintores chineses aparecem imperadores, mandarins e altos funcionários da corte. Essa velha élite não se limitou a dizer e a escrever bem os mesmos instrumentos que traçavam proclamações, decretos, discursos, contos, poesias, desenhavam as telas com que se decoravam os palácios e os templos.

A mesma tinta da China reproduzia o ideal filosófico e o perfil adorado. Sem os claros escuros, sem nuvens que a sombrém, esta pintura delicada não procura dar-nos da vida o seu aspecto verdadeiro, que é, como vemos, quase sempre doloroso e amargo.

Se a arte foi, todo espiritualidade, todo amor, todo o delito como aqui. A elas se aplicaram os sábios, os letrados e, em geral, todos os intelectuais. E' assim que entre os pintores chineses aparecem imperadores, mandarins e altos funcionários da corte. Essa velha élite não se limitou a dizer e a escrever bem os mesmos instrumentos que traçavam proclamações, decretos, discursos, contos, poesias, desenhavam as telas com que se decoravam os palácios e os templos.

A mesma tinta da China reproduzia o ideal filosófico e o perfil adorado. Sem os claros escuros, sem nuvens que a sombrém, esta pintura delicada não procura dar-nos da vida o seu aspecto verdadeiro, que é, como vemos, quase sempre doloroso e amargo.

Se a arte foi, todo espiritualidade, todo amor, todo o delito como aqui. A elas se aplicaram os sábios, os letrados e, em geral, todos os intelectuais. E' assim que entre os pintores chineses aparecem imperadores, mandarins e altos funcionários da corte. Essa velha élite não se limitou a dizer e a escrever bem os mesmos instrumentos que traçavam proclamações, decretos, discursos, contos, poesias, desenhavam as telas com que se decoravam os palácios e os templos.

— Por fim, pedi que me levassem à presença do padre Murphy, que se pôs a tremer como varas verdes. Eu queria vê-lo apenas para lhe dizer: «Que lhe fiz eu para que proceda contra mim, dessa maneira?»

Tremia como varas verdes nada dizia, a não ser umas palavras muito suaves. Eu era um criminoso e ele queria salvar-me a alma... Então, talvez o cardeal intercedesse por mim. Odeiam-me porque não sou criminoso.

No cárcere, uma vez que haja caído nas malhas da lei, grande crime é estar inocente.

— A terminar o tempo de visita. A hora prestes a soar. Que pensaria de um compromisso? Se as coisas mudassem, por influência de pessoas consideradas em Boston e da campanha do Boston Herald por uma nova e imparcial investigação do assunto, e se lhe fosse oferecido o perdão ou a comutação da pena? Desde o processo de Mooney tornou-se moda encarcerar tóda a vida um homem se outro "crime" que o de ser revolucionário não pudesse impunir-se.

— Diga — pronuncia Vanzetti tranquilamente, sem um tremor na voz — diga que recusaria fazer qualquer súplica de perdão, a não ser que lhe fizessem a menor desvantagem.

— Por que hei de ser culpado? — digo eu.

— Porque hei de ser culpado? — digo eu.

— Porque hei de ser culpado? — digo eu.

— Porque hei de ser culpado? — digo eu.

— Porque hei de ser culpado? — digo eu.

— Porque hei de ser culpado? — digo eu.

— Porque hei de ser culpado? — digo eu.

EFEMERIDES

15 de Maio

1911—D. Diniz estabelece que, vivendo um homem e uma mulher durante 7 anos consecutivos, casando na mesma casa como cônjuges e na reputação de tais entre a vizinhança, sejam havidos como marido e esposa e a união deles tornar-se há em casamento indissolúvel.

1918—Uma enorme multidão de socialistas armados, comandada por Raspail, Blanqui e Barbès, dirige-se à Assembleia Nacional de Paris, com o fim de a císsolver, invadindo o palácio Bourbon e a sala onde estavam reunidos os chamas representantes do povo, sendo repelidos pela guarda nacional.

1919—Inaugura-se, na Câmara Municipal de Lisboa, o congresso dos professores primários.

1920—Sai em Bruxelas o primeiro número de *A Idea*, semanário comunista-libertário.

1921—Morre o grande dramaturgo címano, Augusto Strindberg.

1922—O pessoal da Companhia Carris de Ferro, do Porto, vota a greve geral.

UMA SCENA DE SANGUE EM CASCAIS.

Marido que mata a mulher procurando em seguida suicidarse, devido a uma situação económica desesperada.

A pitoresca vila de Cascais foi ontem, às primeiras horas da manhã, teatro duma cena de sangue que consternou os seus habitantes, dadas as circunstâncias que determinaram tão triste acto.

Na travessa Sebastião de Carvalho residiu o piloto da marinha mercante, João Gravato, 27 anos, filho de Luciano Gravato e de Maria Augusta Gravato, em companhia da sua esposa, Maria Avelina Arraia Gravato, 24 anos, e de seus filhos, Mario, 2 de anos e Maria Luisa, de 3 meses.

O João ha tempo que andava desempregado e como não tivesse meios de fortuna co meçou a lutar com dificuldades. Não tendo meio de arranjar colocação, por mais que lutasse e como era um bom chefe de família, a necessidade no seu lar torturava-o a todo momento. Uma única e extrema solução encontrou e parece que, de acordo com a sua esposa, resolveu terminar com o lar. Assim ontem de manhã uma balé meteu na cabeça de sua esposa e uma outra desfechou num envio. Ao ruído das detonações acudiram várias pessoas, que encontraram a mulher morta e o marido em estado grave. Pensando na localidade foi conduzido a Lisboa, onde na Cais Sodré, um auto macta da Cruz Vermelha o aguardava para o transporte ao Hospital de São José, em cuja Sala de Observações deu entrada. Quando entrou neste estabelecimento o João Gravato articulou as seguintes frases:

— Eu fui um covarde, não soube morrer.

— Minha mulher era uma santa.

— O cadáver da desoito-senhora deu entrada na Morgue às 12 horas.

Várias notícias

BRUXELAS, 14—Por intermédio do Banco de Inglaterra, o Banco Nacional de Bruxelas comprou 17.500 francos de barras de ouro. (L.)

PARIS, 14—O sr. Bokanowski, ministro do comércio, inaugurou esta manhã a feira de Paris. (L.)

Lisboa trágica

Ferido no ventre

Na enfermaria de São Onofre do hospital de São José deu entrada Artur Antônio das Neves, 9 anos, natural de Carnaxide e residente em Linda-a-Velha, e que próximo da sua residência, há 8 dias deu uma queda, ficando muito ferido no ventre. Como se sentisse piorar dia a dia, resolreu recolher ao hospital.

Com uma perna fracturada

Na enfermaria de Santa Joana do hospital de São José deu entrada Maria da Nazaré, 37 anos, natural e residente em Maia, a qual, tendo ido a Cabeceteira, numa galera, dela caiu, resultando fracturar uma perna.

Perna partida

Na enfermaria infantil da Estefânia deu entrada Isilda Horta da Silva, 3 anos, natural e residente em Vermelha, concelho do Gadaíval, e que na sua residência deu uma queda, resultando partiu uma perna.

Várias

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo Fernando Correia, 10 anos, natural e residente na Gova da Piedade, que ali foi colhido por um automóvel ficando contuso pelo corpo.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8500

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

INSTRUÇÃO

Liga Pró-Moral

Efectua-se hoje a comemoração do 10.º aniversário da Liga Pró-Moral. Haverá, às 14 horas, uma sessão solene em que usarão da palavra D. Maria O'neill, D. Judite Vieira e José Tavares dos Santos.

Seguidamente, representar-se-há a peça «Amanhã», cuja interpretação está a cargo dos alunos da Escola Teatro Araújo Pereira. Colabora na festa a excelente Banda da Concentração Musical 24 de Agosto.

nos interessa. A responsabilidade de tal facto e as consequências que lhe sucedem são de única responsabilidade da organização social burguesa de que são parte integrante!

Haverá depois milhares de trabalhadores desempregados, fome e muita miséria. Está bem. Os trabalhadores, porém, forçados pelas circunstâncias, saberão agir em sua defesa.

Adolfo de FREITAS

INQUILINOS E SENHORIOS AS GRACINHAS DE UM SENHORIO PORTUENSE

PORTO, 13.—Nesta cidade está-se debatendo uma questão confusa que se levantou entre um senhorio e duas inquilinas—entre um sr. António Augusto de Almeida e duas senhoras, D. Ana Mendes e D. Costa.

Como parece gozarem todos de bons cabedais, o debate vem-se fazendo nas colunas da imprensa diária e burguesa.

Este «direi eu e dirás tu» de senhorio e inquilinas que não vivem mal, nunca nos interessou a não ser os imprevidos do emaranhado em que a questão está colocada. Jámais nos ocupámos, pois, com semelhante trapalhão.

Mas como o sr. Almeida quis em público dar uma nota inédita à sua argumentação contra as inquilinas, tratou de invadir o campo da mistificação e, assim, saiu-se com esta:

«Mas eu víi mais longe no meu estócio, fornecendo a estes pombarinhos sem fela, uma notícia de grande júbilo. E' que houve outro jornal, A Batalha, onde me disseram que a campanha era mais abertamente tratada e cuja leitura muito as dehonar...»

Oras nós, nem de longe, nem de perto, nos referimos ao engracado *Caso da Rua de S. da Bandeira*, pelo que se verifica que o tal sr. Almeida perdeu a cabeça com a questão. Se a sua razão contra as senhoras suas adversárias é tão pura como a flagrante intrujo que escreveram contra nós, se as suas testemunhas são tão verdadeiras como a pessoa que o informou a nosso respeito—emos forçados a concluir que as suas antagonistas é que estão em terreno sólido, e que se trata, portanto, de mais uma manigância senhorial...

Quanto à leitura poder agradar às inquilinas, pode sim, senhor, visto que A Batalha não vive de paralipões, de negócios escuros, de patifarias: tem as suas mãos limpas, isto é: as suas colunas completamente arejadas e libertas de qualquer traçância. Por isso vive pobrezinha, mas honrada.

Do que nem todo o mundo se pode garantir... merece dos estoicismos mercantilmente surripiadores...—C.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Sociedade A Voz do Operário. — Reuniu em assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para o ano económico de 1927-1928, sendo eleitos os seguintes consórcios:

Comissão Administrativa — Presidente, José Gregório de Almeida; 1.º secretário, Luciano Ribeiro de Queiroz; 2.º secretário, Líberio Colares Cíntentes; 1.º tesoureiro, Manuel dos Santos; 2.º tesoureiro, José Dias Urbano; 3.º vogal, José de Almeida; 4.º vogal, Francisco Lopes.

Assembleia Geral — Presidente, Luís Antônio Rozendo; vice-presidente, José Maria Gonçalves; 1.º secretário, José Bernardo Lopes; 2.º secretário, Henrique Cabral da Fonseca; vogal, Augusto Fernandes.

Conselho Fiscal — Antônio Francisco da Cruz, João da Cruz Guerreiro, José Carlos, Antônio dos Santos, José Panheiro da Fonseca.

— Esta importante colectividade de instrução e beneficência, que conta mais de 62.000 sócios, instruiu nas suas escolas cerca de 30.000 crianças, vem de representar ao ministro do Comércio solicitando a isenção de franquia na sua correspondência escolar. Foi solicitado o título daquela pasta e da Instrução que visitem a sede própria da Sociedade para avaliarem da importância da instituição.

Junção Humanitária Amor e Carinha. — Reuniu amanhã, segunda-feira, a assembleia geral desta instituição em 2.ª convocação com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º—Eliminação de vários sócios.

2.º—Aprovação de vários sócios honorários.

3.º—Nomeação de uma comissão revisora dos estatutos.

Grémio do Minho. — Comemora hoje o 4.º aniversário da sua fundação com sarau dramático e baile, devendo todos os sócios apresentar à entrada a carteira de identidade e cota de mês de Abril, podendo também fazerem-se acompanhar de duas senhoras de sua família.

CONFERÊNCIAS

“Higiene infantil”

Na Universidade Livre, Praça Luís de Camões, 46, 2.º, colaborando na «Semana da Criança», promove nojós, domingo, às 21.30 horas, a Sociedade Naturista, uma conferência pelo sr. dr. Castel-Branco sobre: «Aspecto biológico da educação das crianças. A missão do professor e do médico na orientação profissional. A educação natural, factor de progresso individual e colectivo», sendo a entrada livre.

A manhã, segunda-feira, também o secretário da Sociedade Naturista, sr. Luciano Silva, realiza no salão de festas da Construção Civil, Caçada do Combro, 38-A, 2.º, uma palestra às 21 horas prefixas sobre: «O valor económico, moral e social da criança».

Assim o dia com quem? Não pertenceria a mãe de Honoch, os construtores de Honoch e os habitantes de Honoch à espécie humana? Ou seriam os habitantes daquela terra filhos ilegítimos de Deus, que ali os tivesse mandado engravidar? Sim, porque se Caim ali casou e fundou uma cidade é porque alguém da mesma espécie ali habitava, ou então, era ele dotado do mesmo poder de Deus.

Deus, que, a pesar de tudo prever não evitou o crime de Abel, nem o pecado da mãe Eva, pecado de que nós ainda hoje sofremos as consequências, pois ele despejou sobre a terra, e, notem os leitores, como este mostrasse receios de que alguém o assassinasse, Deus marcou-o com um sinal para que fosse respeitado!

Deusinha altura tinha no mundo ao seu serviço apenas Adão, Eva e Caim, e assim este para evitar que o assassinasse.

Mas assassinou-o quem, e para que era necessário o sinal, pois se só existiam ele e os pais que muito bem o deviam conhecer?

Mas adiante, Caim, errante, foi dar com os ossos a uma região que na Bíblia diz ser o Orientador do Edén, casou, foi pai dum menino chamado Hanoch e fundou uma cidade à qual deu o nome do seu filho.

Mas casou com quem? Não pertenceria a mãe de Honoch, os construtores de Honoch e os habitantes de Honoch à espécie humana? Ou seriam os habitantes daquela terra filhos ilegítimos de Deus, que ali os tivesse mandado engravidar? Sim, porque se Caim ali casou e fundou uma cidade é porque alguém da mesma espécie ali habitava, ou então, era ele dotado do mesmo poder de Deus.

Deus, que, a pesar de tudo prever não evitou o crime de Abel, nem o pecado da mãe Eva, pecado de que nós ainda hoje sofremos as consequências, pois ele despejou sobre a terra, e, notem os leitores, como este mostrasse receios de que alguém o assassinasse, Deus marcou-o com um sinal para que fosse respeitado!

Assim o dia com quem? Não pertenceria a mãe de Honoch, os construtores de Honoch e os habitantes de Honoch à espécie humana? Ou seriam os habitantes daquela terra filhos ilegítimos de Deus, que ali os tivesse mandado engravidar? Sim, porque se Caim ali casou e fundou uma cidade é porque alguém da mesma espécie ali habitava, ou então, era ele dotado do mesmo poder de Deus.

A manhã, segunda-feira, também o secretário da Sociedade Naturista, sr. Luciano Silva, realiza no salão de festas da Construção Civil, Caçada do Combro, 38-A, 2.º, uma palestra às 21 horas prefixas sobre: «O valor económico, moral e social da criança».

Assim o dia com quem? Não pertenceria a mãe de Honoch, os construtores de Honoch e os habitantes de Honoch à espécie humana? Ou seriam os habitantes daquela terra filhos ilegítimos de Deus, que ali os tivesse mandado engravidar? Sim, porque se Caim ali casou e fundou uma cidade é porque alguém da mesma espécie ali habitava, ou então, era ele dotado do mesmo poder de Deus.

Deus, que, a pesar de tudo prever não evitou o crime de Abel, nem o pecado da mãe Eva, pecado de que nós ainda hoje sofremos as consequências, pois ele despejou sobre a terra, e, notem os leitores, como este mostrasse receios de que alguém o assassinasse, Deus marcou-o com um sinal para que fosse respeitado!

AS DIBENS E MENTIRAS DAS IDEAS RELIGIOSAS

Diz-se na Bíblia, que criou Deus primeiro a terra; fez depois a luz e observando que esta ficava misturada com as trevas, separou uma da outra, dando à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite. Veja-se se há cousa mais disparate que a luz misturada com as trevas que são a negação da luz. Isto, segundo a Bíblia, foi nos quarto é que Deus criou o sol e a lua! Caso engaço, fez a lua antes de fazer o sol, donde dimissão sua luz!

No entanto, alguns dos Santos Padres da Igreja, afirmam que os dias logo no começo do mundo tinham tardes e manhãs tal e qual hoje sucede.

Depois de tudo isto, criadas os animais e alguns deles sem utilidade alguma reconhecida, o que tem provocado basta reparar atos dos próprios religiosos, e o que levou Santo Agostinho a dizer: «Confesso ignorar a razão por que foram erados os ratos e as rãs, assim como as moscas e os vermes. Todas essas criaturas são para nós utiles, nocivas ou superfluous. Quantas as nocivas, foram criadas para nos atormentarem, a fim de que não ameçam a vida!». Láterio que em tantos outros assuntos segue os passos de Santo Agostinho, recusa-se entretanto, a acompanhar-lo nessa matéria. Para ele as moscas eram simplesmente superfluas, — eram nocivas inventadas pelo Diabo para o importuno e errante.

Quanto à leitura poder agradar às inquilinas, pode sim, senhor, visto que a gravidez de Maria é agravida por um anjo que estava apontando para o ventre de Maria.

Mas neste caso a apontação de José, referente à gravidez de Maria, é até certo ponto justificável, pois que tendo sido ele prevenido de que o espírito santo era o futuro pai da criança, ao seu espírito lhe deveria ter ocorrido qualquer acontecimento de gravidez, pois que, ainda hoje em algumas partes, o Criador é representado, ora como a terceira pessoa da Trindade, sob forma de pombo pairando sobre o céu, ora como a segunda pessoa, na figura de um mancebo, algumas vezes como a primeira pessoa com as feições de um velho venerando, e ainda outras vezes apresentando-se como a terceira pessoa reunidas, as duas primeiras, um velho e um mancebo, com a cabeça coberta com a tiara papal, tendo cada um deles presa dos lábios a azul-europa.

Outro dogma é o dogma da infallibilidade do Papa. Este dogma foi proclamado pelo concílio de 1870 convocado por Pio XI e no qual também se formularam e inscreveram na constituição dogmática da fé católica, os princípios que a igreja entendeu estabelecer para regular as relações entre a ciência e a religião. E é extraordinário o que ali se conseguiu.

Estabelece-se, logo de entrada, a existência dum Deus vivo, verdadeiro, criador do Céu e da Terra, todo poderoso, eterno, imenso, incompreensível, infinito em inteligência, bondade e perfeição, e que por sua previdência protege e governa todos os ascos de extremo a extremo, poderoso, todo governa, tudo determina? As convulsões da natureza, os catásticos, os grandes desastres são obra sua.

E' provável que alguém venha argumentar que tudo isto é para castigar os impíos, mas 'notem' esses que com tal argumentam, que se alguém o é, é porque Deus o quer, e ainda de que essas grandes desgraças faram sempre sujeito a errar, mas os impíos, aqueles que se não deixam corrigir por falsas teorias, como os cientes, aqueles que a toda hora rezam, frequentam a igreja e amaldiçoam e maldissem os não crentes.

O desempenho destes espetáculos está a cargo do Grupo Dramático Solidariedade Operária. A parte musical está a cargo da Troupe Musical «Os Luzitâos», que dedicarão a assistência com as melhores peças do seu vasto repertório.

Sábado, 21, às 14 horas. — Confraternização com as crianças de outras escolas na Esplanada do Jardim de São Pedro de Alcântara.

A BATALHA

ECOS DUMA GREVE

Recorda-se a situação de dez ferroviários que há um ano foram deportados de Lourenço Marques

A greve ferroviária de Lourenço Marques, que teve inicio em 11 de Novembro de 1925 e seu epílogo 4 meses depois, deu motivo à deportação de 10 grevistas para a Metropolitana.

Apesar de decorrido mais de um ano, os deportados ainda não voltaram para junto dos seus, apesar dos transtornos que esse facto tem causado.

A propósito dessa deportação o jornal *O Emancipador*, de Lourenço Marques, publica um artigo assinado pelo sr. Dário Ribeira que, por ser muito criterioso, passamos a reproduzir:

«As deportações sem culpa formada, são o que eu considero as piores ações de quem governa.

Elas representam uma violência inexplicável e sobretudo uma dor forte para as espumas e um quadro de tristeza para os filhos e pais.

Uma deportação trás irremediavelmente a ruina do lar e basta vez a morte do deportado se ele não possui um coração forte para resistir.

Se a pessoa que sofre tal castigo não vai ao excesso — a que eu chamo doença — de se julgar um indivíduo temível, começo por achar o acto um disparate, pois que a importância que o governo lhe encontra ao deportá-lo, não passa de um excesso de zelo policial, que vai indicando no seu *caractere de detetive*, os discursos de A, B e C, que foi dizendo coisas que nem o pobre do agente percebeu.

As deportações são pois o fruto de uma facanha do espírito policial, que, (adequadamente ao meio em que os conflitos se desenrolam) aparecem com as suas informações torpes e tendenciosas a insinuar no espírito do seu chefe que a hidra é este ou aquela que mais se saliente.

Ainda há bem pouco tempo, me foi contado por pessoa de que não posso dividir, que um feliz chefe de polícia, destes que contam na folha de serviço inúmeros casos de descobertas e maior número de anos desta terra, interrogando um rapaz acerca de casos da recente greve, tinha de vez em quando saídas para o interrogado que o deixava boquiaberto!

—Então, você também é bolchevista, hein!

—Faz parte da Legião Vermelha e está agora fazendo ingenho!

E tantas outras de igual jaez, que ia deitando sobre as costas do que o tinha deitar.

Ora não era de estranhar, que perante a perspicácia de tão eruditão funcional, não aparecesse ali imediatamente o *Legionario*, o *Bolchevista*, o terrível, aquele que num minuto podesse deitar o fogo à cidade e beber toda a água do mar!

Operários, últimas duma rancorosa denúncia

Parce estar averiguado que um dos preços que, enquadados na última leva de terribilíssimos avançados, foram comboiados para Lisboa, a despacho das autoridades que de fera vieram arribadas para o Pórtico, se deve à *casuística* denunciante de um abade em flagrante colidção com as leis de Deus, se admitemos a sua existência indiscutível, bem como a moral dos seus preceitos que teoricamente retrancam todas as manifestações de patifaria vingativa...

Os padres, com ou sem abadia, fincando-se no baculatismo dos seus ócios tradicionalmente repressivos, cada vez mais se baixam no rancor com que alargam a sua esfera de ação envolvente, a sobressair a férilé carola em que vão abarcando a cidadade e arredores.

Pelo quarto hialinico do espelho de exemplos à abade, cujo nome em brasileiro também abarca a significação da ave a que nós chamamos pégia, se nota a reflexão da habilidade *jáverica* com que divinalmente opera a polícia informadora do ministério do Interior. A bem dizer, a polícia está entre os muridas da sacristia — ou na delação, cobarde e falsa, do particularismo jesuítico. Os agentes, são subalternos encarregados apenas dos serviços de mais direta repugnância, visto que são os que primeiro, e mais a descoverta, expõem o seu contacto com as vítimas...

Daqui, a maneira atrabilária, infundamental e injuriosa, com que actualmente se está a levar a cabo detenções sem geito. O fanal guiatório, orientador, da perseguição às criaturas livres, está ereto na crucificação, na sceptrica soberania dos roupas clericais, que incitam, cochicham, segredam, mostrando por debaixo do hábito negro da intolerância religiosa o *index* dos apontados — a prática estouada do acoamento a tóda-a-gente que não diga *amen* com elas...

Ou, *ad-verb*, dão instruções para a montaria — ou *epistolografias*, possível e secretamente, o pleno tenebrosa em que se tem de colher o paroquiano que não possuia cirio aceso, na absida das abstracções perigosas, eminentes, das religiosidades espetacularizadas...

Os piedos sacerdotes da humilde doutrina cristã, desejam que se abram as portas do armazém dos crimes antigos que vão dar ao pátio lugubre do Campo de Santa-nha de 1817, ou da loja que vai ter ao quinal funerário do Cais do Sodré ou da Praça Nova de 1829 — ao domínio da fórmula.

Por um amor próprio ao nacionalismo integralista, não ambicionam a adaptação, para o nosso país, das desordens realistas de França, cuja onda sanguinária tingiu de escarlate, com o humido sacrifício das chaminas de centenas de protestantes, bonapartistas e republicanos, as ruas medievais de Marselha, Toulouse, Avignon, Nîmes, etc.; não deliram, cocainómanos pelos euforizantes de Luis XVIII reaccionário, com um fútor apoteótico de um Villele triunfante seguindo o poder pela estrada rubra da tirania, que foi ligar as ordenações trágicas de Carlos X...

Para eles patriótico lhes basta que se atie o reincidente dos 17 anos de lutas entre liberais e absolutistas do miguelismo e pedrismo, prevalecendo as cacetadas nas ruas e os morticínios nas prisões... Muito embora possa surgir um novo Oliveira Martins a dizer-nos que estes esturros tipos são uns parasitas e uns aderentes à *última hora* à causa republicana da situa-

NA CIDADE DO PORTO AS MEDIDAS MUNICIPAIS DE HIGIENE

O armígero município do histórico burgo das liberdades... reforçadas parece dispor-se a uma louvável actividade passmota.

Há toques frenéticos de removimento de vassouras a clamarem o tango das limpezas precisas e de empunhamento de aguiletas a esguicharem refrescadoras linfáticas do profíxius despoliplante...

Desobstruimos o caminho, desempedimos o campo das energias manantes de vontades e punhamos o nosso ponto de mira visual neste entusiasmo camarário que é preciso não deixar arrefecer.

Felizmente, o Pórtico, se por um lado está assediado nas suas mais caras franquias quanto ao sossêgo de exposição doutrinária dos seus homens livres — pelo outro sente a satisfação de ter podido descartar-se de todos os Carlos Pereiras que lhe pudessem oport diques à sorveção delicada duma pinga que, no estio à porta, suavise o afogamento das gúelas.

Definitivamente proclamado o resgate do contrato com a Companhia das Águas, que nos lega uma história de torturas pela sêde, um quâmi semelhante à que os cossacos faziam passar aos condenados políticos após uma proposta refeição de arengues metidos numa pilha de sal — os nossos ilustres edis entenderam, e muito bem, que os esforços não devem ficar só por aquilo.

Feito o regresso das nossas ricas águas portuguesas, e portuguesas, para a posse legítima da invicta cidade do norte, a destruição amigável do vincílio estrangeiro deve ter uma finalidade salutar de más auspíciosos usufrutos higiénicos e saciadores.

A capital da parte norte do país, que é a segunda metade de encantadores agradamentos de verdura campesina, precisa de actualizar a sua sécia de civilização à moda. Envergar roupagens Garridas para sequestrar um corpo topográfico cheio de imundícies com alguns milímetros de altura é desfazer nos preceitos científicos e de sítio prazer divulgados pelos doutos higienistas e hidropáticos Kneipp e Platán.

Para que estes sistemas hidroginnásticos não fiquem a nadar em séco, fôrnam nomeadas as necessárias comissões incumbidas de reverem as posturas municipais que se relacionam com a limpeza da cidade, a qual, positivamente, tem de deixar, mesmo nos seus mais escuros arcanos, de ser uma necessária de configuração antiquada...

Concluídas as formalidades estudantis peritamente descritas, em relatório oficial, vamos vêr o Pórtico ir tomar banho nas águas remangosas do Rio Sousa, tão poéticamente velado pela beleza de duas margens de arborização luxuriante.

A espuma portuense vai robustecer-se em dorsálicas esfregações de esponja...

Enquanto estarmos a experimentar as preibições destas medidas sensatas, está também aceleradamente deliberado que a zelosa Inspeção de Saúde promova, dentro do prazo de 15 dias, a inutilização implacável de todos os cortelhos existentes na cidade e que não estejam rigorosamente beneficiados pelas condições devidamente regulamentares...

Perfeitamente aplaudível fôsta utilíssima resolução. Mas é preciso considerar-se que há côrtes de animais domésticos, *injustamente* denominados *inferiores*, ao lado de uma infinita abundância de côrtes de animais humanos, e não menos domésticos, a que *imprópriamente* chamam *superiores*.

Não temos a honra *postural* de saber se os *currais* de humanos que se conglomeram, e reciprocamente se esmocam em ruínas, nos bairros pobrissimos do *coração* das liberdades traídas, estão de harmonia codificante com as condições regulamentares impostas pelo município.

Mas o que não ignoramos é a existência dos cortelhos excelentes de animais ricos, quer dizer: pertencentes a capitalistas, industriais, comerciantes e proprietários, que são incomparavelmente mais espacosos, mais iluminados e mais decentes, do que milhares de tugúrios proletários... Já temo ido, por acaso, a sentinas *áthicas*, que as tomaram muitos produtores para sua arejada habitação...

E se os armadores transitórios da desordem nacional, ao presentirem as manhosas intenções, os festejos designios dos sanguiníssimos católico-realistas instasfetos por qualquer medida de generosidade, de tolerância geral, repetir, de cima da tribuna do teatro... político lusitano, a célebre frase proferida por D. Pedro, tão mal agradecido: — *Fora, canthalas!*

Um marulhar de apupos e um saraiva de pedradas... represávias, fôlos há evadir-se pela *porta do cavalo* do teatro das asneiras e das intrigas avanhalentes...

Nada de liberdade... nem mesmo a chique, como quis impor o *príncipe* que veiu das Terras de Santa Cruz a Portugal sentir no trôno a sr. D. Maria de Bragança...

O que os abades querem é que se recobre o ânimo dos juízes de Anjeia, que aos denunciados operários só lhes faíte levar as «portas e os telhados das casas» — e que se particularmente ao Pórtico a reacção lhe arrancára, em quatro dias, e em outros tempos, 528 assassinatos e 378 roubos políticos — hoje, nos nossos tempos, deve-se reitar uma contagem muito mais avançada.

E' por isso que um abade dos arredores do Pórtico, cumprindo o programa, denunciou um dos preceitos que foi na leva que ultimamente deu entrada triunfante em Lisboa.

Sociedade Cooperativa de Consumo e Produção dos Fragateiros do Pórtico de Lisboa

Que a passagem do Rubicão seja feita com tôda a pressa das sequestrações dos bens dos desempoeirados, depois da vertiginosa idade das deportações, dos exilados, dos perseguidos. A paquidérmica palmilhamento dos chefes do poder pelo terreno acidentado das repressões, pode acarretar-lhes, como ao autor da *Carta Constitucional*, sérios dissabores, um eterno ódio gerado no agravamento da marcha para a restauração turbulenta das imprecabilidades do passado...

E se os armadores transitórios da desordem nacional, ao presentirem as manhosas intenções, os festejos designios dos sanguiníssimos católico-realistas instasfetos por qualquer medida de generosidade, de tolerância geral, repetir, de cima da tribuna do teatro... político lusitano, a célebre frase proferida por D. Pedro, tão mal agradecido: — *Fora, canthalas!*

Um marulhar de apupos e um saraiva de pedradas... represávias, fôlos há evadir-se pela *porta do cavalo* do teatro das asneiras e das intrigas avanhalentes...

Nada de liberdade... nem mesmo a chique, como quis impor o *príncipe* que veiu das Terras de Santa Cruz a Portugal sentir no trôno a sr. D. Maria de Bragança...

O que os abades querem é que se recobre o ânimo dos juízes de Anjeia, que aos denunciados operários só lhes faíte levar as «portas e os telhados das casas» — e que se particularmente ao Pórtico a reacção lhe arrancára, em quatro dias, e em outros tempos, 528 assassinatos e 378 roubos políticos — hoje, nos nossos tempos, deve-se reitar uma contagem muito mais avançada.

E' por isso que um abade dos arredores do Pórtico, cumprindo o programa, denunciou um dos preceitos que foi na leva que ultimamente deu entrada triunfante em Lisboa.

Sociedade Cooperativa de Consumo e Produção dos Fragateiros do Pórtico de Lisboa

Que a passagem do Rubicão seja feita com tôda a pressa das sequestrações dos bens dos desempoeirados, depois da vertiginosa idade das deportações, dos exilados, dos perseguidos. A paquidérmica palmilhamento dos chefes do poder pelo terreno acidentado das repressões, pode acarretar-lhes, como ao autor da *Carta Constitucional*, sérios dissabores, um eterno ódio gerado no agravamento da marcha para a restauração turbulenta das imprecabilidades do passado...

E se os armadores transitórios da desordem nacional, ao presentirem as manhosas intenções, os festejos designios dos sanguiníssimos católico-realistas instasfetos por qualquer medida de generosidade, de tolerância geral, repetir, de cima da tribuna do teatro... político lusitano, a célebre frase proferida por D. Pedro, tão mal agradecido: — *Fora, canthalas!*

Um marulhar de apupos e um saraiva de pedradas... represávias, fôlos há evadir-se pela *porta do cavalo* do teatro das asneiras e das intrigas avanhalentes...

Nada de liberdade... nem mesmo a chique, como quis impor o *príncipe* que veiu das Terras de Santa Cruz a Portugal sentir no trôno a sr. D. Maria de Bragança...

O que os abades querem é que se recobre o ânimo dos juízes de Anjeia, que aos denunciados operários só lhes faíte levar as «portas e os telhados das casas» — e que se particularmente ao Pórtico a reacção lhe arrancára, em quatro dias, e em outros tempos, 528 assassinatos e 378 roubos políticos — hoje, nos nossos tempos, deve-se reitar uma contagem muito mais avançada.

E' por isso que um abade dos arredores do Pórtico, cumprindo o programa, denunciou um dos preceitos que foi na leva que ultimamente deu entrada triunfante em Lisboa.

Sociedade Cooperativa de Consumo e Produção dos Fragateiros do Pórtico de Lisboa

Que a passagem do Rubicão seja feita com tôda a pressa das sequestrações dos bens dos desempoeirados, depois da vertiginosa idade das deportações, dos exilados, dos perseguidos. A paquidérmica palmilhamento dos chefes do poder pelo terreno acidentado das repressões, pode acarretar-lhes, como ao autor da *Carta Constitucional*, sérios dissabores, um eterno ódio gerado no agravamento da marcha para a restauração turbulenta das imprecabilidades do passado...

E se os armadores transitórios da desordem nacional, ao presentirem as manhosas intenções, os festejos designios dos sanguiníssimos católico-realistas instasfetos por qualquer medida de generosidade, de tolerância geral, repetir, de cima da tribuna do teatro... político lusitano, a célebre frase proferida por D. Pedro, tão mal agradecido: — *Fora, canthalas!*

Um marulhar de apupos e um saraiva de pedradas... represávias, fôlos há evadir-se pela *porta do cavalo* do teatro das asneiras e das intrigas avanhalentes...

Nada de liberdade... nem mesmo a chique, como quis impor o *príncipe* que veiu das Terras de Santa Cruz a Portugal sentir no trôno a sr. D. Maria de Bragança...

O que os abades querem é que se recobre o ânimo dos juízes de Anjeia, que aos denunciados operários só lhes faíte levar as «portas e os telhados das casas» — e que se particularmente ao Pórtico a reacção lhe arrancára, em quatro dias, e em outros tempos, 528 assassinatos e 378 roubos políticos — hoje, nos nossos tempos, deve-se reitar uma contagem muito mais avançada.

E' por isso que um abade dos arredores do Pórtico, cumprindo o programa, denunciou um dos preceitos que foi na leva que ultimamente deu entrada triunfante em Lisboa.

Sociedade Cooperativa de Consumo e Produção dos Fragateiros do Pórtico de Lisboa

Que a passagem do Rubicão seja feita com tôda a pressa das sequestrações dos bens dos desempoeirados, depois da vertiginosa idade das deportações, dos exilados, dos perseguidos. A paquidérmica palmilhamento dos chefes do poder pelo terreno acidentado das repressões, pode acarretar-lhes, como ao autor da *Carta Constitucional*, sérios dissabores, um eterno ódio gerado no agravamento da marcha para a restauração turbulenta das imprecabilidades do passado...

E se os armadores transitórios da desordem nacional, ao presentirem as manhosas intenções, os festejos designios dos sanguiníssimos católico-realistas instasfetos por qualquer medida de generosidade, de tolerância geral, repetir, de cima da tribuna do teatro... político lusitano, a célebre frase proferida por D. Pedro, tão mal agradecido: — *Fora, canthalas!*

Um marulhar de apupos e um saraiva de pedradas... represávias, fôlos há evadir-se pela *porta do cavalo* do teatro das asneiras e das intrigas avanhalentes...

Nada de liberdade... nem mesmo a chique, como quis impor o *príncipe* que veiu das Terras de Santa Cruz a Portugal sentir no trôno a sr. D. Maria de Bragança...